

# Lá – Não na sua fala (diálogo com estórias de Guimarães Rosa)

*There – Not in your speech (dialogue with stories by Guimarães Rosa)*

Adonai da Silva de MEDEIROS\*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Antônio Máximo von Söhsten Gomes FERRAZ\*\*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**RESUMO:** O presente texto tem por objetivo questionar o sentido de “Lá” nas estórias “A menina de lá” (*Primeiras estórias*) e “Lá, nas campinas” (*Tutaméia*), de Guimarães Rosa, percorrendo-o em um diálogo que nos abra para seu sentido como o agir sempre inaugural das questões e entre-abrindo o sendo para o Ser em sua verdade: dinâmica de desvelamento para a realização do ser do sendo. Assim, “Lá” manifesta-se como um Não, porquanto este, embora negando algo, é o mais próximo de alcançarmos o Nada, o vazio, o poder de criação, uma vez que, como buscaremos mostrar, o Não é “como se fosse” o Nada. Para deixarmos o poder de criação do Nada em seu agir originário é necessário, pelo livre, radical e aberto diálogo, nos conduzirmos para a margem do Nada através do Não, pois Lá se dá no silêncio recolhedor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guimarães Rosa. Estórias. Lá. Diálogo. Nada.

**ABSTRACT:** The present work aims to question the meaning of “There” in the stories “A menina de lá” (*Primeiras estórias*) and “Lá, nas campinas” (*Tutaméia*), by Guimarães Rosa, exploring it in a dialogue that opens us to its meaning as the always inaugural action of questions and between-opening the being to the Being in its truth: a dynamic of unveiling for the realization of the being of the being. Thus, “There” manifests itself as a No, because this, although denying something, is the closest we can get to reaching Nothing, the void, the power of creation, since, as we will try to show, the No is “as if it were” Nothing. To leave the creative power of Nothing in its original action, it is necessary, through free, radical and open dialogue, to lead ourselves to the edge of Nothing through the No, because There it happens in the gathering silence.

**KEYWORDS:** Guimarães Rosa. Stories. There. Dialogue. Nothing.

---

\* Mestre e doutorando em Letras/Estudos literários (PPGL/UFPA), ambos com bolsa CAPES. Membro do Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia (NIK/UFPA) e LAESP – Linguagens Artísticas e Estilos Poéticos (UPEA). E-mail: adonai.medeiros18@gmail.com.

\*\* Doutor em Ciência da Literatura (UFRJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia (NIK/UFPA). E-mail: maximoferaz@gmail.com.

[...] Divulgo: que as coisas começam deveras é por detrás, do que há, recurso; quando no remate acontecem, estão já desaparecidas (“Antiperipécia”, Guimarães Rosa)

## Abrir em sua abertura

São duas as estórias de Guimarães Rosa que trazem, desde o título, referência a um “Lá”, a saber: “A menina de lá”, de *Primeiras estórias*, e “Lá, nas campinas”, de *Tutaméia*. “A menina de lá” narra a estória de “Maria, Nhinhinha dita” (Rosa, 2001, p. 67), personagem que mora “para trás da Serra do Mim [...], lugar chamado o Temor-de-Deus” (Rosa, 2001, p. 67), cujo poder da fala, que encanta como um milagre, e de olhar o “nada diante das pessoas” (Rosa, 2001, p. 69) mostram seu pertencimento a uma proveniência mais originária e radical, uma proveniência deveras milagrosa.

A estória de *Tutaméia* narra a busca de Drijimiro, já “rugoso” (Rosa, 1985, p. 99), pelas campinas, um lugar recordado pela imaginação. Drijimiro, provavelmente filho de migrantes, era um “orfandante” que buscava, “por todo canto e parte” (Rosa, 1985, p. 98), o Lá<sup>1</sup>, nas campinas... Não apenas um “órfão errante”, como diz Martins (2001, p. 31), mas também um “órfão viandante”, ou ainda, à maneira do Moço de “Nenhum, nenhuma”, de *Primeiras estórias*, Drijimiro procura ser um “torna-viajor” (Rosa, 2001, p. 105), um viajante que busca o retorno de ser em poder de *Lá, nas campinas...*

Nesse sentido, o presente texto tem por objetivo questionar e percorrer o sentido do “Lá” nas estórias “A menina de lá” e “Lá, nas campinas”, de Guimarães Rosa (2001; 1985). Por “sentido” compreendemos o agir sempre em curso das questões que nos dão possibilidade de ser e dizer, vigorando, pela unidade, as diferenças que se manifestam como percorrendo uma mesma e fundamental questão: o Ser em sua verdade, dinâmica de desvelamento para a realização do ser do sendo<sup>2</sup>. Essa colocação, de fundo heideggeriano, vem como aproveitamento ao diálogo com as estórias rosianas à medida que elas são abertas e conduzem-se à procura do ser do humano.

Como anunciado, falaremos de um Lá a partir de uma colocação: ele é *Não na sua fala*. São três as maneiras como a interpretamos, as quais entre-abrem e guiam as três

---

<sup>1</sup> O “Lá” é uma questão para nós. Para distinguiirmos como tal, grafá-lo-emos com a inicial maiúscula.

<sup>2</sup> “Sendo” refere-se ao tradicional “ente”, aquilo que é ou está sendo. Para evitarmos a cristalização que este substantivo injeta, principalmente por conta da tradição metafísica que o alçou a este ponto, optamos por usar o gerúndio do verbo “ser”, de vez que o movimento é o que essencialmente dá o caráter da procura.

seções deste texto, a saber: 1) de que o Não pode e se manifesta na fala dos narradores das estórias; 2) de que o Não é nas falas das personagens; e 3) de que o Não, sendo nas falas das personagens, é a Fala. Esse percurso visa construir um texto em que as aberturas reveladas pelas estórias sejam contempladas desde seu fundar, isto é, antes mesmo de qualquer intenção de definir a relação entre Lá e Não, buscaremos caminhar pelas vias que nos levam até ela, aprofundando-a, mostrando a condição de possibilidade de dizê-los. A isso a interpretação hermenêutica nos salvaguarda. No curso deste trabalho, dialogaremos com Heidegger (2001; 2003a; 2003b; 2010), Arendt (s/d) e Rancière (2021). Os referidos autores buscaram, em diferentes contextos, o modo como a linguagem se mostra como o caminho originário para o ser, para o vazio criador, ponto que nos interessa. No mais, neste texto, é tudo o Lá, nas estórias rosianas, quem diz seu Não e silêncio em nossa fala.

## 1 Não na sua fala

O que é este “Lá” evocado pelos títulos “A menina de lá” e “Lá, nas campinas”? O “Lá” que as estórias evocam são o mesmo? O primeiro parece se referenciar a um lugar a que pertence e/ou em que mora a menina. O narrador inicia dizendo: “Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus” (Rosa, 2001, p. 67). O segundo demarca o “Lá” em um espaço plural, com diferenças, onde podemos encontrá-lo e reconhecê-lo: “No sertão, entanto, *campinas* eram os ‘alegres’: as assentadas nos morros, esses altos claros, limpos, ondeados em encostas” (Rosa, 1985, p. 98, *grifo do autor*), ou ainda delimitados “em São Paulo e Goiás” (Rosa, 1985, p. 98). Dá-se também no singular: “Uma campina – plano, nu campo, espaço – podendo ser no distante Rio Verde Pequeno, ou todo o contrário, abaixo do Abaeté, e estando nem onde nem longe, na infinição, a serra de atrás da serra” (Rosa, 1985, p. 98)<sup>3</sup>. O sentido aberto pelos títulos nos provoca a iniciar um caminho para além da geografia. Eles nos apresentam a proveniência da menina e do desvelo do Lá.

*Nem onde nem longe.* Apenas lá, na *infinição*, é onde a campina está situada. Lá. É isto. Lá. E somente – nada mais. Todavia todo o mais – tudo o que há demais – veio do

---

<sup>3</sup> Como se notará, repetiremos uma mesma citação várias vezes. O motivo é simples: a cada momento, as estórias nos encaminham para várias aberturas e saídas, as quais provocam colocações, interpretações e questionamentos distintos.

acontecimento de um não. De lá: no não nomeado que as falas resguardam e nos convocam – “[...] Drijimiro tudo ignorava de sua infância [...]” (Rosa, 1985, p. 97). Não se pode nomear – porém se recorda (Rosa, 1985, p. 97). Mas então e “nada”? “Nada” diz exatamente isso? *Nada*? Nada é (o) não? O ser do Nada é (o) Não, o que nega? Ora, entretanto pode o Nada negar? Ele não é, é um vazio, é o vigor criativo que vige no pensamento, o qual, justamente, cuida de sua ausência presentificadora. Ao vazio se opõe o tudo, tudo o que é: “*Se viemos do nada, é claro que vamos para o tudo*” (Rosa, 1985, p. 17, grifo do autor). Porém opor não é negar. O Não, então, nega o que é em tensão ao Nada? O Não seria, assim, o caminho que conduz do que é ao que não-é revelado no *quase nada*? “Quase nada” é um dos sentidos que Rosa (1985, p. 184) atribui a “tutaméia”. O significado etimológico de “quase”, do latim *quasi*, é “como se”. O *Não* não pode ser o Nada porque erige algo, o quer que seja, permitindo a possibilidade de ser e dizer. Contudo o *Não* é *quase Nada*, ele é como se fosse (o) Nada.

Esse sentido é aberto quando o narrador de “Lá, nas campinas” diz que Drijimiro “Nada encontrava, a não ser o real: coisas que vacilam por utopiedade” (Rosa, 1985, p. 98). Drijimiro, diante do Nada, encontrava a coisa (real, do latim *res*, “coisa”) provinda do não-lugar. Diferentemente de Drijimiro, o narrador tem de destituir o espaço de sua fala, em sua narração, para a ação do que se manifesta, em sendo sempre o mesmo, no falar diverso e referencial da personagem ao não-lugar, ao utópico, ao que, não podendo de forma alguma se privar de ser, não é, ou seja, o Nada, bem como ao que não se interrompe de ser e doar ser (o real, fenômeno do surgimento em sua realidade). Em “A menina de lá”, a abertura do sentido para o narrador se dá quando, referindo-se ao modo de falar de Nhinhinha, dizia que ela *fazia vácuos*, deixando o ausente se fazer presente ao performar, em sua narração, a maneira como a personagem falava: “[...] – “Nhinhinha, que é que você está fazendo?” – perguntava-se. E ela respondia, alongada, sorrida, moduladamente: – “Eu... to-u... fa-a-zendo.” Fazia Vácuos. Seria mesmo seu tanto tolinha?” (Rosa, 2001, p. 68).

Como os narradores das estórias em questão eximem-se de si e de sua fala para suscitar e deixar o Não repousar propriamente nesta mesma fala? O Não dá propriedade à fala quando esta o deixa repousar em si, provocando a abertura para um não-lugar, evocando-o. Os títulos evocam ao Lá. É apenas isso que conhecemos do Lá. Tudo o que se evoca busca aproximar a manifestação do ser que é evocado, instigando-o a aparecer

em sua ausência. “Evocar é sempre provocar e invocar, provocar a vigência e invocar a ausência” (Heidegger, 2003a, p. 16). As estórias evocam o Lá como um lugar. Busca-se nesta ausência seu ser. É isto o originário em sua originariedade. Conheceremos, nas estórias de Rosa, o Lá através de falas que o conservam lá onde ele se e as essencia<sup>4</sup>.

Retornemos ao Lá. No Lá podemos alcançar a menina, bem como podemos alcançá-lo nas campinas. É que o Lá em seu não-ser um lugar, em sua emergência na fala, na evocação, chamado (em um dizer heideggeriano) para se deixar ser no sendo (em uma campina), passa, paradoxalmente, a ser o lugar de um Não, o qual é o manancial de tudo o que vem no dizer deste não-ser que é sendo no não-lugar em sua *utopiedade*. Porque o Lá possui seu vigor no vazio criador, no Nada em seu poder criativo que Drijimiro encontrava como real e Nhinhinha evocava, os narradores procuram, no desvelo do Lá, viger o Não a partir de um lugar que emana do não-lugar. Como? A vigência que o Não instaura provém da ausência que o Lá é, do seu desvelo. Daí dizermos: o Lá é o lugar de um Não. No Lá podemos alcançar o ser da menina em sua ausência. No Lá podemos alcançar seu próprio ser em ausência. Lá é também uma ausência, pois que, fora do olhar e do alcance imediato, vige seu ser no que abre possibilidade para que ele se aproxime de nós<sup>5</sup>. É isso a poética e sua escuta; é isso a linguagem em seu dizer poético. O Lá desvelado é atrás da Serra, em um lugar em que abriga a casa da menina: “Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus” (Rosa, 2001, p. 67).

Por “fala” queremos dizer o *télos*<sup>6</sup> dessa, ou mesmo *nessa*, escuta poética: uma fala que somente se permite falar (e ser fala) quando, cultivando a terra que o silêncio é, é entre as ações do emergir do sentido e do desvelamento do Ser. É isto uma fala que provém da escuta poética: escutar a fala da linguagem, isto é, seu silêncio, para que, a partir disso, se abra o lugar de ser da fala da escuta, da própria ação da linguagem. Falar é dispor-se ao agir, ao vigorar e viger, ao poético, escutando-o. Fala-se porque, pondo-se a escutar, algo se revelou à fala. Este algo, o quer que seja, se desvela em linguagem. “O acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem” (Heidegger, 2001, p. 126), ela

---

<sup>4</sup> Valemo-nos, como já notado, do substantivo “essência” como verbo, buscando manter desvelado o próprio movimento e horizonte de “ser”, significado que está na raiz do hoje substantivo “essência”.

<sup>5</sup> Jogo com a etimologia de “ausência”: “ab-”, “fora”, “afastado”, mais *esse*, “ser”, “estar”.

<sup>6</sup> Por *télos* compreendemos não somente a plenitude, mas também o ato de nos conduzirmos para ela pensando no sentido que é já nos doado no princípio, a ele retomando e retornando.

é que, preservando o des-velo<sup>7</sup> e o manifestar de uma coisa, “nomeia o sendo *para* seu ser e *a partir deste*” (Heidegger, 2010, p. 187, *grifos do autor*).

Desta forma, a fala é a árvore eclodindo na semente da escuta, cultivada na Terra e por ela germinada em sua *poiesis*, a qual é o abrir projetante do sempre inaugural vazio no aberto da linguagem. O ser-linguagem é a fala do silêncio: o vigor. Linguagem é a unidade a partir da qual advém todas as possibilidades. O tempo destas se salvaguardam em um lugar. Lugar é um corpo-memória construído neste salvaguardar, abrigando o apelo originário. Por isso podemos dizer: *Lá é um não-lugar de se ser*. Lá, desvelado *na campina*, é o originário em sua emergência: “Uma campina – plano, nu campo, espaço – podendo ser no distante Rio Verde Pequeno, ou todo o contrário, abaixo do Abaeté, e estando nem onde nem longe, na infinição, a serra de atrás da serra” (Rosa, 1985, p. 98).

A campina é essa abertura (*plano, nu campo*), o inicial em sua inicialidade, que, sendo aberta pelo apelo do Lá, *pode ser* qualquer lugar, tanto no *Rio Verde Pequeno* quanto *abaixo do Abaeté* – palavra esta que faz referência ao humano, de vez que no tupi-guarani “abaeté” é “homem” (*aba*), o qual tem como característica sua verdade (*eté*, “verdadeiro”, ou ainda “bravo”, “bom”, “ilustre”). O *poder ser* um lugar da campina é, pois, a abertura (*nem onde nem longe*), é o lugar em que o humano acontece enquanto um ser de doação. Mas também é *a serra* que se oculta *de atrás da serra*, doando-se para nós ao se dar a ver. O que vemos de uma serra é tão pouco do que seja a própria serra. A campina (ou a serra) é, propriamente, no surgimento do Lá: *na infinição*. Como tal, a campina, em um diálogo com Heidegger, é um mundo em disputa com a Terra (Lá).

O mundo é a abertura manifestante das amplas vias das decisões simples e essenciais no destino de um povo histórico. A Terra é o livre aparecer, a nada forçada, do que permanentemente se fecha e, dessa forma, do que abriga. Mundo e Terra são essencialmente diferentes um do outro e, contudo, nunca separados. O mundo fundamenta-se sobre a Terra e a Terra irrompe enquanto mundo. Ocorre que a relação entre Mundo e Terra de modo algum se esgota na unidade vazia dos opostos que nada têm a ver entre si. O mundo aspira, no seu repousar sobre a Terra, a fazê-la sobressair. Ele não tolera, como o que se abre, nenhum fechamento. Porém, a Terra tende, como a que abriga, cada vez a abranger e a conservar em si o mundo (Heidegger, 2010, p. 121).

O diálogo com Heidegger nos mostra que a campina e a serra cuidam do lugar irrompido pelo Lá, expandindo-se sobre e a partir dela em sua abertura ao Lá, e é

---

<sup>7</sup> Usaremos “des-velo” para dizer do ato do homem inclinar-se para o desvelado, como o que é e se preserva velado produzindo o trânsito de ser uma procura (o mesmo vale para o uso de “re-velar”). Usaremos também a expressão “desvelar-se-velando”, e outras variações, para tentarmos resguardar, no dizer, o modo da ação do *Ser ser* no sendo de nosso dizer.

resguardada no próprio fechar-se do Lá. Elas são a margem que deslimitam os narradores de “A menina de lá” e “Lá, nas campinas” para que possam, por via de Nhinhinha e Drijimiro, deixar o Lá em seu surgimento, em seu livre aparecer, abrigando-os enquanto eles, como obras, o elaboram; enquanto eles, como narradores em obra, realizam a possibilidade de promoção da disputa entre campina e Lá. Deste modo, a campina é *nem onde nem longe*, é o contínuo abrir da abertura na a-propriação do sendo pelo Ser. Assim, “No sertão, entanto, *campinas* eram os ‘alegres’: as assentadas nos morros, esses altos claros, limpos, ondeados em encostas” (Rosa, 1985, p. 98, grifo do autor). Campina é o *alegre*, o que é vivo e animado pelo irromper do Lá des-velando-se nela. A campina, como a sempre aberta, somente se abre para o fechar-se sobre-si-mesmo do Lá. O Lá, por sua vez, *abriga* a campina em sua abertura, *conservando-o* como o que repousa, em sua máxima moção, para o ser abertura da campina: *as assentadas nos morros*.

As campinas assentam-se no ápice do morro, onde a Terra libera sua margem para o mundo: a campina é esta margem que é constantemente deslimitada. No que ela se deslimita? Na fala. Apropriando-se da fala, o Lá abre-se para o silêncio fechado sobre si. É isto um acontecimento poético-apropriativo: a ação vigorante (poético) do Lá, fechado em-si e em seu silêncio, essenciando-se ao conduzir a fala ao próprio de si (*ad-*, conduzir, ou conduzir-se, para, daí: “a-propriar”) no ato mesmo da relação que a fala realiza ao elaborar o que escuta do silêncio. Para falar do Lá e, sobretudo, a partir dele, é preciso calar: “Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus” (Rosa, 2001, p. 67). É preciso calar a nossa fala para que ecloda nela o que não é falado e que, veementemente, vigora (n)as falas das estórias rosianas. A casa da *menina de lá* salvaguarda-se na margem da Serra, lugar onde acaba qualquer referência ao conhecido e/ou ordinário (*do Mim*, do que suponho saber de mim) e começa a referência ao extraordinário (*lugar chamado o Temor-de-Deus*). Temer a Deus é pôr-se a escutar seu silêncio, é cultivar o seu silêncio sem perder de vista a realização manifestativa do ofício ao sagrado<sup>8</sup>, no ordinário, ao evocar sua fala circular nas contas de um terço: “[...] a Mãe, urucuiana, nunca tirava o terço da mão, mesmo quando matando galinhas ou passando descompostura em alguém” (Rosa, 2001, p. 67).

---

<sup>8</sup> “Sacrificio”, do latim *sacrificius*, é formada por *sacro* (sagrado) e *ficium*, de *officium*, que significa “ofício”, e é composta por *opi*, de *opus*, “obra”, mais *facere*, “fazer”, “produzir”.

A fala da escuta poética quer ser a fala da escuta do silêncio, de modo que sacrificar a si é, paradoxalmente, abrir-se a si mesma e entregar-se ao Não que a vigora, resguarda e no que revela o espanto de ser ao narrador, o que acontece em “A menina de lá” – “De vê-la tão perpétua e imperturbada, a gente se assustava de repente” (Rosa, 2001, p. 68) –, bem como a possibilidade de retornar ao silêncio originário que funda tanto a fala quanto a escuta, como Drijimiro promove ao narrador – “Teve recurso a mim. Contou, que me emocionou” (Rosa, 1985, p. 97). Drijimiro, ao ter *recurso* ao narrador, entre-abre a margem para o silêncio, pois o ato de *ter recurso* é, antes de tudo, ter a possibilidade de pôr outra vez (*re-*) no caminho que o essenciou uma vez, momento (o *um* como originário) em que o Lá flui (*curso*) na campina. Assim, pelo calar-se de Drijimiro, revela-se ao narrador de “Lá, nas campinas” que, para alcançar a vida ela mesma, a sempre originária e radicalmente possível, há de se dis-por<sup>9</sup> à união do viver à Vida no próprio surgimento da possibilidade de viver: “[Drijimiro] Calava reino perturbador; viver é obrigação sempre imediata” (Rosa, 1985, p. 97).

Por isso o espanto do narrador de “A menina de lá” para com a *perpetuidade* e *imperturbação* de Nhinhinha, que “Parava quieta [...], sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia” (Rosa, 2001, p. 67), pois ela era a sempre aberta ao que a queria em poder de ver, ouvir e sentir o surgimento das coisas em suas emergências. Assim, ela era a sempre em repouso, em sua máxima moção de ser o lugar de ser o espaço de desenvolvimento das coisas elas mesmas: “Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito. Parava quieta” (Rosa, 2001, p. 67). Nhinhinha se dá no surgimento, o brotar de todo surgir. Para o narrador, apenas o espanto pode lhe conduzir do Não ao Lá, de forma que seu narrar recorda o espantoso nascimento de Nhinhinha para si. Drijimiro se dá na recordação do surgimento, reconduzindo-se, por espanto, ao surgir, e o (seu) narrador passa a ser essa recordação espantosa.

Originalmente é o próprio espanto que engendra e difunde a calma, e é devido a essa calma que o abrigo contra todos os ruídos, inclusive o da própria voz, se torna a condição indispensável para que, a partir do espanto, um pensar possa se desenvolver. Isso implicitamente significa que tudo que entra no círculo desse pensar sofre uma transformação (Arendt, s/d, p. 194).

---

<sup>9</sup> Valer-nos-emos de “dis-por”, com hífen, para indicar que, na ação do humano se dispõe, as questões, pondo-o (*ponere*) para fora (*dis-*, “à parte”, “para fora”) do saber, lançam-no no não-saber.

Os narradores espantam-se diante do desvelar-se-velando do Ser no cotidiano revelado nas falas das personagens. Eles se transformam na fala de um Não. O espanto frente a Nhinhinha acontece porque ““Ninguém entende muita coisa do que ela fala...”” em detrimento do não-habitual, “pelo esquisito do juízo ou pelo enfeitado sentido” (Rosa, 2001, p. 67). O dizer de Nhinhinha revela-se em um experienciar do infindo mesmo em suas várias possibilidades de ser nas coisas em obra. O esforço do narrador em dialogar com ela, relacionar-se, por meio dela, com o *Logos*/linguagem em sua manifestação, é o que o faz alcançar, mesmo que a posteriori e por um breve instante, o *enfeitado sentido*, o agir das questões em seu próprio ato: “Aí, observou: – ‘*O passarinho desapareceu de cantar...*’ De fato, o passarinho tinha estado cantando, e, no escorregar do tempo, eu pensava que não estivesse ouvindo; agora, ele se interrompera” (Rosa, 2001, p. 69, *grifo do autor*).

O espanto é que Nhinhinha, leitores, é aberta ao fechar-se sobre-si-mesmo do Lá. Ela repousa sobre ele deixando-o agir sobre si. Ela é *no Lá* estando na campina/serra. O narrador, por sua vez, parece estar escorregando do tempo ininterrupto do Lá, percebendo-o apenas quando Nhinhinha deixa sua fala ser a fala do silêncio. É esse espanto que permite ao narrador alcançar o Não que se sobressai na fala de Nhinhinha, de modo que, na sua fala, ele se re-vele em seu próprio perdurar, em seu próprio mistério, conservando-o na distância do Lá, mas sendo suscitado na proximidade de sua campina. Em “A menina de lá”, Nhinhinha é essa campina –

Conversávamos, agora. Ela apreciava o casacão da noite. – “*Cheiinhas!*” – olhava as estrelas, deléveis, sobre-humanas. Chamava-as de “*estrelinhas pia-pia*”. Repetia: – “*Tudo nascendo!*” – essa sua exclamação dileta, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso (Rosa, 2001, p. 69, *grifos do autor*).

–. Em “Lá, nas campinas”, por seu turno, é Drijimiro que assume essa imagem – “Drijimiro voltava-se – para o rio de ouvidos tapados. *Nenhum dia vale, se seguinte.* Que jeito recobrar aquilo, o que ele pretendia mais que tudo? *Num ninho, nunca faz frio*” (Rosa, 1985, p. 97, *grifos nossos*).

Se, para o narrador de “A menina de lá”, olhar a noite é vê-la a partir de seu *casacão*, o que a mantém salvaguardada como a que é propriamente escura e permite as estrelas *deléveis*, para Nhinhinha, são as estrelas *cheiinhas*, brilho que *pia-pia* na noite, a manifestação da noite em seu mútuo velar-se-desvelando, resguardando a possibilidade de as estrelas permanecerem como *tudo nascendo*. É a mesmidade do mesmo que atua

para a preservação do constante nascimento do humano a si próprio, desde que se assuma como ser de procura – *nenhum dia vale, se seguinte*. Nesta assunção, o Ser essencia-se ao se apropriar do humano em procura – *num ninho, nunca faz frio*. O Ser essencia-se porque, desvelado no humano, se mantém constantemente encoberto, fazendo permanecer no humano sua mudança provocada pelo procurar-se, pois o humano é o lugar/campina que o Ser/Lá, brilhando, *pia-pia*.

Nesse sentido, um dizer dirigido a Drijimiro, o que nos parece ter sido dito pelo próprio narrador, ressoa: “Tácito, mais, entrecuidando. Disse-lhe: que, se num lugar tal alguém aquilo falara, então não seriam lá as campinas, mas em ponto afastado diverso” (Rosa, 1985, p. 98). O que o narrador de “Lá, nas campinas” constrói é, também, uma “autonarração”<sup>10</sup> que busca reconstruir uma outra esquecida: *Lá, nas campinas...* Ele busca retornar ao fluir e refluir da fala de Drijimiro, que tem no Lá sua emergência, de modo a cuidar, entre Drijimiro e o Lá, desse emergir como se ele mesmo estivesse sendo a campina que emerge do Lá. Isso faz com que a unidade do Lá seja resguardada em uma campina reconstruída ficcionalmente e na voz de um outro.

É sempre a partir do Mesmo que se fala. É para ele que tudo o que atinge seu *télos* retribui o sentido doado e percorrido enquanto lembrança que é em se construindo: “E o ar. Dizia que estava com cheiro de lembrança. – ‘A gente não vê quando o vento se acaba...’” (Rosa, 2001, p.69, *grifo do autor*). O narrador de “A menina de lá” faz de sua fala o espaço de germinação da fala de Nhinhinha, sempre se referenciando (reportando-se e retribuindo) a ela como a que, sem intenção alguma – “Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito” (Rosa, 2001, p. 97) –, alcança o silêncio por uma fala que é *quase* a ele, como se o fosse, seja por um dizer que apenas ela deixava aparecer o silêncio em seu sentido: “– ‘Ele xurugou?’ – e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia” (Rosa, 2001, p. 67, *grifo do autor*); ou por um dizer comum, o qual também, lembrando de Heráclito, é a morada do extraordinário, que se ex-garça por um simples gesto de apontar para o que a possibilita: “O que falava, às vezes era comum, a gente é que ouvia exagerado: – ‘Alturas de urubuir...’ Não, dissera só: – ‘... altura de urubu não ir.’ O dedinho chegava quase no céu” (Rosa, 2001, p. 69, *grifos do autor*).

---

<sup>10</sup> A palavra “narrar”, do latim *gnarus*, possui um sentido originário quando escutamos seu silêncio. Nele se fala do “nascer”, “saber”. Apenas posso saber do que não sei, bem como apenas pudemos nascer por conta do vazio do útero. “Autonarrar” seria um “saber de seu próprio nascimento” ao narrar a si mesmo.

O narrador-urubu vai até a uma altura-limite, que o deslimita para abri-lo a uma outra que ele não vai, mas que pode vir a experienciar – pôr para além do limite – por meio de Nhinhinha. É, pois, no Mesmo que se salvaguarda a possibilidade mais plena de deixar o não-dito fundando ao dito: “Então, ao narrador foge o fio. Toda estória pode resumir-se nisto: – Era uma vez uma vez, e nessa vez um homem. Súbito, sem sofrer, diz, afirma – ‘Lá...’ Mas não acho palavras” (Rosa, 1985, p. 100, *grifo do autor*). O humano é sempre (a) *uma vez* no contínuo brotar de seu *ser sendo* (*e nessa vez o homem*), o qual é continuamente essenciado, a cada vez mais, pelo surgimento do Ser (*Era uma vez*). A *uma vez* do humano é sempre um sentido desvelado no princípio e para ele, em seu percurso seguindo o sentido em sua ação, retornando. O modo de ser do humano é ser sendo, é ser-se.

O dizer do humano, subitamente, a cada vez entregue a seu destino “restitutivo” e de ser espaço do Não, alcança o *Lá...* O narrador de “Lá, nas campinas”, realiza, outra vez, o lugar da campina. Porém ele, que não é Drijimiro (*ao narrador foge a estória*), *não acha palavras*, de vez que não foram suas palavras que alcançaram ao Lá, mas sim o procurar incessante e o modo de ser de Drijimiro: “Drijimiro tudo ignorava de sua infância; mas recordava-a, demais. Ele era um caso achado” (Rosa, 1985, p. 97). Ao narrador, para ser sendo, cabe realçar as diferenças nas falas de Drijimiro, restituindo-as ao Uno: “O sol da manhã sendo o mesmo da tarde” (Rosa, 1985, p. 100).

## **2 Não na sua fala**

Nhinhinha pertence ao Lá. Lá é o seu lugar de de-morar-se, de ser e ter na fala o próprio em sua propriedade: o Lá por detrás da Serra do Mim doando-se. As campinas são o lugar pelo qual Drijimiro busca retornar ao Lá ele mesmo. Ele quer encontrar e voltar a ser no Lá nas campinas. O sentido deste pertencimento/lugar é o de originário, de vez que “originário é a proveniência da essência em que vige o ser de um sendo” (Heidegger, 2010, p. 145). Como um sendo, a campina precisa ser esvaziada do que é para ser alcançada nua, em seu brotar do Lá. É do Lá que surge, a cada vez, a possibilidade de ser e assim (continuar), em sua fala, ser sendo, para Nhinhinha, e de retomar o lugar por meio de uma fala que quer ser recordada, para Drijimiro, pois que recordar é agir e deixar-se agir com o coração – “coração” no sentido metafórico, como o agir que possibilita o viver a vida na Vida. Do Lá surge o surgimento, brota (o) ser que essencia o

sendo das personagens, que vige, desta forma, o acontecimento poético-apropriativo do ser no sendo. Lá é o não-lugar originário que, em seu agir, mantém Nhinhinha aberta para uma fala que é a escuta poética e convoca Drijimiro a se desfechar, a voltar a ser um auscultador poético, para que, a partir disso, sua fala seja co-originada junto da escuta.

Nesse sentido, as falas das personagens provocam o ato de trans-tornarem-se, isto é, de construírem-se enquanto uma procura, de modo que a coisa procurada é, em princípio, o ato de procurar-se. O que procuramos nos ultrapassa, está para além de nós mesmos e do que somos, uma vez que apenas procuramos o que nos pro-cura<sup>11</sup>, doando-se em nosso ser e dele se retirando. O procurar preserva aberto o nosso ser para essa mútua e ininterrupta procura. Tentemos mais uma vez: trans-tornar-se é pôr-se em um contínuo obrar, de vez que o existir é viver, viver o limite que a vida nos oferta a viver, para que, com esse limite, continuamente nos deslimitemos. Daí que existir é colocar-se para fora de onde se está postado, pois então que, a cada vez, pelo viver, atingindo e ultrapassando o limite que nos é mostrado, somos e vivemos em des-limite, realizando-nos na procura, cuidando de nosso ser para que ele permaneça sendo: o não-ser formando a sempre permanência do vir-a-ser; e mais, o não-ser formando o sendo em sua sempre permanência de vir-a-ser um ser-não-sendo:

De vê-la tão perpétua e imperturbada, a gente se assustava de repente. – “Nhinhinha, que é que você está fazendo?” – perguntava-se. E ela respondia, alongada, sorrida, moduladamente: – “Eu... to-u... fa-a-zendo.” Fazia vácuos. Seria mesmo seu tanto tolinha (Rosa, 2001, p. 68, *grifo do autor*)?

Suspirava, depois – “Eu quero ir para lá.” – Aonde? – “Não sei.” (Rosa, 2001, p. 69, *grifos do autor*).

Teve recurso a mim. Contou, que me emocionou. – “Lá, nas campinas...” – cada palavra tatala como uma bandeira branca – comunicado o tom – o narrador imaginário. Drijimiro tudo ignorava de sua infância; mas recordava-a, demais. Ele era um caso achado (Rosa, 1985, p. 97, *grifo do autor*).

Nhinhinha, o que fazia? Isso mesmo: deixava-se ao ato, nada mais. As coisas já aparecem em suas aparências para nós, entretanto elas nos pro-curam porque seu ser não são mais as coisas desveladas, e procuramos, assim, no ato de des-velamento delas, neste encalço, suas coisidades, seu ser que age no sendo. Todavia, são nas coisas desveladas que emergem o ser das coisas. Aonde se realiza essa ação de desvela-se-velando? No Lá. Porém, por que “aonde”? Justamente por isso: é no agir, e não no estático lugar. A serra

---

<sup>11</sup> Usaremos “pro-cura” para dizer da ação originária das questões, do Ser, do Lá, que é a de colocar, diante de nós mesmos, o que somos: uma questão.

não é onde, mas sim *aonde*, é o continuamente móvel, atendendo ao apelo do Lá. Nhinhinha quer ir Lá, no aonde e no não saber o que é (este) aonde. O lugar é ela mesma, estando na Serra, ela é este lugar a partir do qual se dá o *aonde* do Lá. Nhinhinha quer ir no trânsito, no entre, no hífen do des-velar. Quanto a Drijimiro, é o mesmo, contudo diferente: o narrador imaginário ignora tudo. Isso revela a tensão dialética que o permite, originariamente, recordar: o nascimento do saber no não-saber. Narrador e ignorar possuem um mesmo radical, *gn-*. *Gnarus/narrador* e *ignarus/ignorante* preservam, antes de tudo, uma mesma proveniência: o não, o qual se encobre em *gnarus/narrador*. O Não se encobre é no imaginário, este que faz tudo o que é crescer e brotar pelo ser e tudo o que não-é nascer:

Vinha-lhe a lembrança – do último íntimo, o mim de fundo – desmisturado milagre. Só lugares. Largo rasgado um quintal, o chão amarelo de oca, olhos-d’água jorrando de barrancos. A casa, depois de descida, em fojo de árvores. Tudo o orvalho: faísca-se, campo a fora, nos pendões dos capins passarinhas penduricam e se embalançam... De pessoas, mãe ou pai, não tirava memória. Deles teria havido o amor, capaz de consumir vozes e rostos – como a felicidade. Drijimiro voltava-se – para o rio de ouvidos tapados. Nenhum dia vale, se seguinte. Que jeito recobrar aquilo, o que ele pretendia mais que tudo? Num ninho, nunca faz frio (Rosa, 1985, p. 97).

São as obras de arte, em todas suas desvelações, que nos dizem o que é o trans-torno. Dele sabemos quando elas operam essa questão. Existir é deslimitarmo-nos. Vivemos nessa procura. O deslimite acontece porque o limite percorre nossa travessia. O limite da nossa lembrança é no interstício com o esquecimento. Seria então o esquecimento o limite da lembrança? Sim, como poderia ser diferente? Entretanto não é apenas isso. O esquecimento é, sobretudo, o que deslimita a lembrança para que ela volte como recordação. Ele se apresenta como essa possibilidade de deslimite. O esquecimento é este *último íntimo*, o mais distante que se resguarda em Drijimiro, no fundo, além do *mim*, do que ele conhece de si. É este *último íntimo*, mantendo-se no esquecimento, que deve ser recobrado. Entretanto vem *só lugares*. Suscitar o esquecimento é o jeito de recobrar aquilo. Drijimiro o faz pelo *ele falar naquilo*. Ao falar “Lá, nas campinas...” ele suscita o Lá a ser em sua distância approximativa, em sua recusa de manter-se desvelado, e sua fala o aproxima. Mas como recobrar? Imaginando o que o Lá não-é para suscitar seu ser. O imaginar é o deslimite que abre o existir humano para o real em sua realidade: “Drijimiro andara – de tangerino, positivo, ajudador de arrieiro – às vastas terras e lugares.

Nada encontrava, a não ser o real: coisas que vacilam por utopiedade. E esta vida, nunca conseguida. Ia ficando esperto e prático” (Rosa, 1985, p. 98).

Real é o vigor, é a permanência de si e por si mesmo, também é a doação a tudo que há. A doação do real é a verdade, o desvelamento e surgimento das coisas. Real é o não-lugar em sua utopiedade. Em todas as terras e lugares, Drijimiro deparava-se com a realidade. Ele é que vige nas coisas e lugares, mantendo-as abertas e em seu vigor. Drijimiro queria retornar ao *nenhum dia*, Lá aonde as coisas se vigem por utopiedade e aonde a vida é no viver. Daí imaginar. O imaginar imagina o Não, o que não é, e imagina como seria. As estórias são esse imaginar. Ele vem, o imaginar, suscitado ininterruptamente nas falas de Drijimiro: “*Lá, nas campinas...*” (Rosa, 1985, p. 97, *grifo do autor*); “*Lá, nas campinas?...*” (Rosa, 1985, p. 98, *grifo do autor*); “*Lá, nas campinas!...*” (Rosa, 1985, p. 100, *grifo do autor*).

Encobrindo-se do Não, o imaginar permite ao humano con-sumir (levar ao sumo) a coisa desvelada, restituindo-a à sua utopiedade, ao que a essenciou, ao sumo de *aonde* se originou. Drijimiro quer recobrar ao Lá. Quanto a Nhinhinha, suas falas a mantêm neste Lá, imaginando seu nascimento no viver a vida na Vida.

Sei, porém, que foi por aí que ela começou a fazer milagres.

Nem Mãe nem Pai acharam logo a maravilha, repentina. Mas Tiantônia. Parece que foi de manhã. Nhinhinha, só, sentada, olhando o nada diante das pessoas: – “*Eu queria o sapo vir aqui.*” Se bem a ouviram, pensaram fosse um patranhar, o de seus disparates, de sempre. Tiantônia, por vez, acenou-lhe com o dedo. Mas, aí, reto, aos pulinhos, o ser entrava na sala, para aos pés de Nhinhinha – e não o sapo de papo, mas bela rã brejeira, vindia do verduroso, a rã verdíssima. Visita dessas jamais acontecera. E ela viu: – “*Está trabalhando feitiço...*” Os outros pasmaram; silenciaram demais (Rosa, 2001, p. 69, *grifos do autor*).

Os outros silenciaram o instituído porque Nhinhinha contemplava o Não, isso que se ergue sem que os olhos notem, *o nada diante das pessoas*, que sempre é e está diante delas, mas ninguém nunca vê porque foram deseducados e/ou se deseducaram a olhar. Nhinhinha pôde querer o *sapo vir* porque, antes, o sapo quis ir a Nhinhinha. É um querer mútuo. A educação de Nhinhinha é radical, coloca-a a todo instante no caminho do Ser, conduzindo-a ao originário. Esse educar faz com que Nhinhinha olhe *tudo nascendo*, tudo em seu surgimento, com o ser entrando no espaço de sua re-velação: “Repetia: – ‘*Tudo nascendo!*’ – essa sua exclamação dileta, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso” (Rosa, 2001, p. 69, *grifo do autor*). Nhinhinha não olha as coisas já dadas, pois seu educar é poético, inserindo-a, desde sempre, na dinâmica de ação de desvelar-se-

velando. O imaginar de Nhinhinha preserva-a em um tempo em que a palavra articula o que é ao que não-é, salvaguardando a este na distância approximativa:

[...] Com riso imprevisto: – “*Tatu não vê a lua...*” – ela falasse. Ou referisse estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para uma nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só a pura vida (Rosa, 2001, p. 67-68, *grifo do autor*).

Esse tempo obedece ao agir vigorante da *poiesis*, inaugurando a campina/serra enquanto o Lá se mantém oculto em si mesmo, essenciando-se. A campina conserva o acontecimento poético-apropriativo do Lá. As falas de Drijimiro e Nhinhinha são inaugurantes da campina do Lá. Como obra que o humano é, a criação de sua fala é referência à obra do desvelamento do Ser em sua *poiesis*. É este agir que vigora, pois que a “*poiesis* é a fala inaugurante do desvelamento do *sendo*” (Heidegger, 2010, p. 189, *grifo do autor*). A *poiesis* projeta e apresenta ao mundo, à campina, o Não que, em sua inauguração, passa ao ser do *sendo*, resguardando-se no fechado do Lá, da Terra. Quer isso dizer: a vigência do Não atua como fonte de presença da ausência essenciante do Lá.

Frase única, ficara-lhe, de no nenhum lugar antigamente: – “*Lá, nas campinas...*” – desinformada, inconsante, adsurda. Esqueceu-a, por fim. Calava reino perturbador; viver é obrigação sempre imediata (Rosa, 1985, p. 97, *grifo do autor*).

[...] só em raro ela perguntava, por exemplo: – “*Ele xurugou?*” – e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia (Rosa, 2001, p. 67, *grifo do autor*).

[...] Eu disse: – “A avezinha.” De por diante, Nhinhinha passou a chamar o sabiá de “*Senhora vizinha...*” E tinha respostas mais longas: – “*Eeu? Tou fazendo saudade.*” Outra hora, falava-se de parentes já mortos, ela riu: – “*Vou visitar eles...*” Ralhei, dei conselhos, disse que ela estava com a lua. Olhou-me, zombaz, seus olhos muito perspectivos: – “*Ele te xurugou?*” Nunca mais vi Nhinhinha (Rosa, 2001, p. 69, *grifos do autor*).

Voltemos um pouco. Com as duas tentativas anteriores de suscitar o trans-torno podemos alçar uma terceira, visando alcançar sua relação com a personagem de narrativa. Uma personagem constrói-se de uma máscara modelada, a qual re-vela tanto a ação do tempo quanto a ação do vazio por trás da máscara cuja face ocupa. Trans-tornar-se é procurar-se neste entre: uma ausência que se manifesta por uma presença em maturação, em um tempo *kairológico...* Viver é uma procura. O trans-torno é este viver como procura, que se instala a partir do imaginar, o verbo mais essencial da ficção.

O imaginar produz (a) uma imagem que forma a abertura para o personagem e narrador(-personagem), de forma que cria e funda a realidade literária. Esta realidade

literária, por sua vez, é o vigor do real em sua verdade: “Na obra de arte, a verdade do sendo pôs-se em obra. ‘Pôr’ diz aqui: trazer para o permanecer” (Heidegger, 2010, p. 87). É o operar da verdade, por meio do imaginar, que mantém a abertura da realidade literária em seu abrir-se constante. O que permanece, assim, nas estórias rosianas? O Lá. Ele vige no surgir da fala de Nhinhinha e Drijimiro como ausência no Não. Na fala de Drijimiro, é o Não, *no de nenhum lugar*, sempre presente em todos os lugares, que se manifesta como o sempre por-fazer em seu principiar (*antigamente*), como um tempo não realizado, e que, paradoxalmente, convoca à sua realização no vir-a-ser; na de Nhinhinha, por sua vez, é o próprio Não em seu sentido que se apropria e fala na fala: *ele te xurugou?*

As personagens trans-tornam-se porque se deixam agir por essa verdade que elas incessantemente procuram ao serem, mutuamente, pro-curadas. O desvelamento do real projeta (*pro-*, “conduz adiante”, “projeta para”) as personagens para o cuidado (*curare*, “cuidar”, “vigiar”) de seu ser na margem do *Lá, nas campinas...* Neste desvelamento, Nhinhinha e Drijimiro projetam-se para cuidar tanto do Ser em seu desvelamento quanto do ser de seus sendos, bem como vigiam a morada do ser, a linguagem, em cuja “[...] habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias. Sua vigília é consumar a manifestação do Ser, porquanto, por seu dizer, a tornam linguagem e a conservam na linguagem” (Heidegger, 1967, p. 24).

Trans-tornando-se, Nhinhinha e Drijimiro vigiam para conduzir o próprio ao sumo, à linguagem. Assim, o trans-torno desse imaginar faz de suas falas uma realidade ficcional, uma realidade que modela o procurar em um ato de fala, porém sem perder de vista a realidade aí dada, pois que passam, Drijimiro e Nhinhinha, a retirá-la do ordinário, devolvendo-a ao extraordinário. Assim, as estórias rosianas realçam a “[...] capacidade da ficção de fazer com que a vida se infinitize, vá além de si mesma. Todo final de história é então duas coisas ao mesmo tempo: um salto do infinito no finito e uma passagem do finito ao infinito” (Rancière, 2021, p. 166).

As falas são, para Drijimiro, um retorno ao originário, e, para Nhinhinha, sua perduração no surgimento, ambas fazendo com que o originário não deixe de atuar em seu vigor, isto é, na permanência de seu agir, o contínuo desvelar-se-velando que, quanto mais se vela resguardando sua unidade, mais se a-propria no mudar do sendo consumindo seu sentido. O que dá vigor é o Ser, e seu agir é seu acontecer poético-apropriativo. O acontecimento poético-apropriativo é o Não do Lá se dando a aparecer

nas falas de Nhinhinha e Drijimiro. O Lá, em seu Não, permite às falas serem o espaço de manifestação do que não-é e, com isso, essencia o ser do sendo. Esse Não vem no imaginar de seus trans-tornos, a procura por ser e encontrar caminho de ser pela fala recordada – *Lá, nas campinas...* – e a procura de dizer o sentido, o agir em curso das questões de doarem e receberem a con-sumação dos sendos, para além de qualquer significado – *ele te xurugou?...* É a isso que passaremos. É a escuta e a fala de um trans-torno – e mesmo o nosso trans-tornar-se...

### 3 Não na sua fala

Escutemos outra vez a fala de Drijimiro na colocação do narrador sobre ela: “Frase única, ficara-lhe, de no nenhum lugar antigamente: – ‘*Lá, nas campinas...*’ – desinformada, inconsoante, adsurda. Esqueceu-a, por fim. Calava reino perturbador; viver é obrigação sempre imediata” (Rosa, 1985, p. 97, *grifo do autor*). O que escutamos aí é uma tensão: uma fala originária, provocadora de mudanças, a que sempre permanece, mas que é calada, emudecida pelo próprio “porta voz” da fala originária, Drijimiro, que a esquece. O esquecimento, já dissemos, é o deslimitador da lembrança. A estória “Lá, nas campinas” narra a pro-cura de Drijimiro para recobrar e deixar o Lá agir em seu vigor. A unidade da frase-fala é que dá sentido: *Lá, nas campinas...* Mas por que ela é *desinformada, inconsoante, adsurda?* E por que ele *calava reino perturbador*?

“Desinformada” é composta pelo prefixo de negação “des-” mais o verbo “informar”, o qual tem origem no latim, *informare*, cujos significados são “dar forma a”, “formar”, “modelar”, mas também “imaginar”, “educar”. Um sentido para “desinformada” seria “o que não dá forma”, “o que não modela”, outro seria “o que, não dando forma, não foi imaginado, não foi educado”. Quanto a “inconsoante”, à primeira vista parece que se acrescentou o prefixo “in-” ao substantivo “consoante” (o que soa, *sonare*, junto, *cum-*, ou “o que ressoa junto”), o que indicaria um sentido de “dentro do que ressoa junto”, se o prefixo for de adentrar, ou “o que não ressoa junto de”, se for de negação. Se levarmos em conta uma relação com “desinformada”, o sentido de negação se sobressai ao outro. Isso parece ser reforçado se considerarmos que “adsurda”, cuja composição é feita com o prefixo “ad-” (“ir em direção a”, “dirigir-se a”) mais “surdo” (“abafado”, “surdo”), significa “Mal ouvido, de sentido não apreendido, próximo da inaudibilidade” (Martins, 2001, p. 12). Esses significados se aproximam da negação, o

que tornaria ainda mais contraditório o ato de Drijimiro dizer *Lá, nas campinas* – uma vez que *desinformada*, *inconsoante* e *adsurda* se referem à sua frase – como forma de recordar o Lá em sua originariedade, pois esta fala, variando a pontuação final, como apresentado anteriormente, é sua única frase, repetida e diferida, no todo da estória.

Essas colocações a respeito das palavras “desinformada”, “inconsoante” e “adsurda” seriam confirmadas se lêssemos a entrada do primeiro parágrafo de “Lá, nas campinas” com os referidos significados em mente. Eis a entrada: “Está-se ouvindo. Escura a voz, imesclada, amolecida; modula-se, porém, vibrando com insólitos harmônicos, no ele falar naquilo” (Rosa, 1985, p. 97). A voz é pura em si (*imesclada*), conserva em si o que a distingue, sua diferença que dá possibilidade à sua identidade, daí ser *escura*, já que a voz se coloca diante (*ob-*) do que é e está encoberto (*scurus*), o que dá seu vigor de ser. E então vem o ponto que aparentemente converge com as características da frase de Drijimiro: *vibrando com insólitos harmônicos*. Entretanto, este ponto de “confirmação” é justamente o ponto que nos abre para um certo paradoxo, e/ou uma tensão dialética, e para o Não que ressoa junto da fala de Drijimiro – “[...] Só rever Drijimiro, pedir-lhe perguntado o segredo: – ‘*Lá nas campinas...*’ – mas que Drijimiro não sabia mais de cor” (Rosa, 1985, p. 99, grifo do autor) –, de vez que a voz dele *informa* em si tanto o *insólito* quanto a *harmonia*, a qual atribui um valor a ser interpretado com zelo em *insólito*, isto é, o *insólito* é que é *harmônico*, ele é que tem em si a harmonia a ser *modulada* na voz de Drijimiro.

A voz é que marca o ritmo (*modula-se*) da frase única. E essa voz, quem a emite? A voz é de Drijimiro, mas não é ele a fonte. Não é seu aparelho fonador que a emite. “Insólito” é comumente vinculado ao significado de “não habitual”, “estrano”, no entanto, no latim, *insolitus*, também soava o significado de “novo”. Aquilo que é novo pode ser considerado “estrano”, ou “não habitual”, não? O novo traz consigo sua novidade, uma diferença que destoa de outras porquanto seja, a diferença, sua identidade. A marcação do ritmo, a modulação da frase pelo falar de Drijimiro, é não habitual, estranha, ou melhor, nova, justamente porque nela é providencial uma pausa: não se lê “lá nas campinas”, indicando que alguma coisa pode ser encontrada lá nas campinas (por exemplo, “fica lá nas campinas”), mas sim “lá, nas campinas”, com uma pausa que situa a manifestação do Lá em um lugar por ele originado, isto é, nas campinas. Esta pausa que Drijimiro modula deixa o surgimento do Lá surgir nas campinas. A pausa, que instaura o

instante de silêncio, o instante em que Drijimiro se cala para escutar o surgimento, é a unidade que une, articulando os sons, o silêncio à voz-fala de Drijimiro, por isso os *insólitos* [são] *harmônicos*<sup>12</sup>, pois sua novidade une os sons e o ritmo da frase ao silêncio de *Lá, nas campinas...*

O silêncio é a ausência, o vazio, que origina a toda e qualquer fala e toda a possibilidade de escuta. Ele é o agir que atua e funda a fala e a escuta.

[...] todo decir tiene que hacer surgir conjuntamente el poder oír. Ambos tienen que ser del mismo origen. Entonces rige sólo una cosa: decir el más noble lenguaje surgido en su simplicidad y fuerza esencial, el lenguaje del ente como lenguaje del ser (Heidegger, 2003b, p. 77)<sup>13</sup>.

O narrador diz: *no ele falar naquilo*. Porém, gramaticalmente, algo distante, que deveria ser retomado pelo pronome demonstrativo “naquilo”, não está presente. Ele não está presente porque sua presença não é gramatical, não é empírica e/ou visível, mas é concreta, porque cresce junto do falar. Que é isso então? O que seria se não o silêncio? Quanto mais o silêncio se torna presente, mais ele se ausentifica nesta presença, encobrindo seu ser na *escura voz*. O que *se está ouvindo* é o silêncio, ele é que é retomado por *naquilo*; ele é o mais distante que é evocado para ser uma presença no *falar*. O ser do silêncio, a linguagem do Ser, permite à linguagem do sendo se realizar como o acontecimento poético-apropriativo do Ser: “Frase única, ficara-lhe, de no nenhum lugar antigamente: – ‘*Lá, nas campinas...*’ – desinformada, inconsante, adsurda. Esqueceu-a, por fim. Calava reino perturbador; viver é obrigação sempre imediata” (Rosa, 1985, p. 97, *grifo do autor*). O ponto que nos pareceria convergir para as primeiras colocações a respeito das três palavras que nos mostram o modo de ser da *frase única* abriu-nos para uma tensão dialética e nos colocou no silêncio que funda à frase de Drijimiro. Ressaltemos que “adsurda” é o neologismo que nos re-apresentará, isto é, que nos colocará diante (*pre-*, ou *prae-*), outra vez (*re-*), do ser (*-sentare*, derivado do verbo *esse*) projetado pela frase.

---

<sup>12</sup> Jogamos aqui com os significados etimológicos de “harmonia”: no latim, *harmonia* é “articulação”, “combinação de sons”, “simetria”; no grego, *harmonia* possuía o sentido de “união”, “unidade”. Há ainda uma origem mais remota no radical indo-europeu *ar-*, que indica “juntar”, “articular”.

<sup>13</sup> “[...] todo dizer surge em conjunto com o poder escutar. Ambos são originados de um mesmo [o silêncio]. Assim, uma coisa aí rege: dizer a mais nobre linguagem surgida em sua simplicidade e força essencial, a linguagem do sendo enquanto a linguagem do ser” (*tradução nossa*).

O significado de “adsurda” atribuído por Martins (2001) é um sentido provável. Contudo pensamos ser, ou ao menos em conjunto daquele, outro o sentido, um tanto mais radical, do neologismo rosiano. A base da construção de “adsurda” parece ser “absurdo”. No latim, *absurdus* era considerado “um som desagradável”, “dissonante”, ”desafinado”. Se compararmos esses significados ao de “adsurda” atribuído por Martins (2001, p. 12), notaremos que se diferem apenas no caráter de sentido, isto é, enquanto “absurdo”, em sua acepção latina, se remete ao som, para a autora, “adsurda” indica que o sentido da frase não é claro, é incompreensível, ou que o som é quase inaudível. A “complicação” nos parece residir justamente no prefixo, uma vez que “adsurda” se contrapõe a “absurdo” a partir dele: enquanto “ad-” expressa “ir em direção”, “ab-” expressa, por seu turno, “ausência”, “privação”, “fora” e/ou “afastamento”. “Absurdo” é, pois, um som fora do tom, ausente e/ou privado de afinação. Ambas as palavras têm em comum o adjetivo latino *surdus*, que significa “surdo” (literalmente), ou ainda, no sentido figurado, “silencioso”, “pouco perceptível”, “ignorado”, “desconhecido”.

Assim, o prefixo “ad-” sugere-nos um ato de ir em direção ao surdo, ou ao silencioso, pouco perceptível, ignorado, desconhecido. Isso seria o bastante para considerarmos que o sentido provável para “adsurda” é mais profundo. *Surdus* tem origem em um radical indo-europeu, *swer-*, que significa “sussurrar”. O que é pouco perceptível se não um sussurro? *Lá, nas campinas...* vai em direção ao sussurro porque é o re-apresentar de uma fala silenciosa<sup>14</sup>. *Lá...* é a fala mais veemente de todas, a que permanece na mudança de tom de Drijimiro, que perpassa um contar (*Lá, nas campinas...*), um questionar (*Lá, nas campinas?...*) até alçar-se na plenitude, o *télos*, de uma recordação (*Lá, nas campinas!...*), a restituição ao Uno.

Em Lá o silêncio fala. O sussurro é entre o silêncio e a voz perceptível. A frase-fala de Drijimiro é *inconsoante* não em relação ao silêncio, mas sim à realidade aí dada e instituída, de vez que não soa junto desta e não segue seus ditames. Porém sua fala está *desinformada*, seu imaginar, que dá forma à procura, à realidade como sendo doação do real e o educa para ser, desaprendeu a alcançar o vigor originário, então *calava o reino perturbador*, nos rege para o contínuo movimento de ser uma procura:

---

<sup>14</sup> Lembremos que “lá” é uma nota musical. A originariedade do Lá soa e ressoa nas três “marcações rítmicas” da fala de Drijimiro. A pausa é o momento desse sussurro aparecer após des-velamento do Lá.

Já afadigado Drijimiro lutava, constando que velhaco. Vendia, recriava, comprava bezerros. Iô Nhô fizera-o seu sócio. Vezava-se, afortunado falsamente, inconsiderava, entre a necessidade e a ilusão, inadiavelmente afetuoso (Rosa, 1985, p. 98).

Embora Drijimiro não procurasse mais, a questão Lá não cessa de pro-curá-lo e de apropriar seu coração (*cordialidade*, do latim, *cordis*), essenciando-o em sua propriedade (“caráter”, do grego *kharaktēr*, “propriamente”, “marca”): “Ele não procurava mais; guardava paz, sossego insano, com *caráter de cordialidade*” (Rosa, 1985, p. 98, *grifo nosso*). O seu coração está em poder das questões, elas é que doam o ser de seu sendo. O Lá não deixa de agir, ele está no deslimitador, no esquecimento, e persevera na *calada* fala, pois que Drijimiro passa a ser essa fala calada e esquecida: “Mas achava, já sem sair do lugar, pois onde, pois como, do de nas viagens aprendido, ou o que tinha em si, dia com sobras de aurora” (Rosa, 1985, p. 99). Em si mesmo é que se dis-põe a Drijimiro o Lá, as campinas recordadas revelam o surgimento do que a personagem se dispõe a recordar no surgir, que volta a se manifestar após uma tentativa de imposição de um destino a ele: um casamento com a “figura Sobrinha do Padre” (Rosa, 1985, p. 100). Drijimiro já tinha decidido “a ceder-se ao fado” (Rosa, 1985, p. 99), não do casamento ou de uma vida sem a recordação do Lá, mas ao originário, ao esquecido: “Tudo era esquecimento, menos o coração: – ‘Lá, nas campinas!...’ – um morro de todo limite. O sol da manhã sendo o mesmo da tarde” (Rosa, 1985, p. 100, *grifo do autor*).

O Lá, como a Terra, para se preservar como ele-mesmo, em sua originariedade, apela constantemente para o abrir da abertura das campinas, como o mundo. “A Terra não pode passar sem o aberto do Mundo, para ela própria, como Terra, aparecer na livre afluência do seu fechar-se em-si” (Heidegger, 2010, p. 123). As campinas são o sangue *sendo* circulado, em seu corpo, pelo agir do coração. O ato de recordar traz à tona a unidade do Lá em seu sentido, isto é, sua verdade na dinâmica de desvelar-se-velando. Ao falar *Lá, nas campinas...*, Drijimiro não apenas retoma o destino de ser destinado, mas se restitui ao essenciar do Ser em seu acontecimento poético-apropriativo, de maneira que sua vida-travessia passe a ser poética-apropriativa, pois que a travessia é o sempre ir enquanto vir – “Tudo, para mim, é viagem de volta” (Rosa, 1985, p. 18), diz o narrador-personagem de “Antiperipléia” – no agir do Ser de se des-velar ao passo que lhe apresenta seu ser em sua propriedade, *de ser a procura de ser no Lá, nas campinas...*

Drijimiro teve de passar pela luta para retomar a fala originária – “Antes ele buscara, orfandante, por todo canto e parte. – ‘*Lá, nas campinas?...*’ – o que soubesse acaso” (Rosa, 1985, p. 98, *grifo do autor*) –, habituando-se à realidade *desinformada*, sem recordar o imaginário lugar de viver: “E esta vida, nunca conseguida. Ia ficando esperto e prático” (Rosa, 1985, p. 98). Habituar-se à realidade dada, apesar de não estar na campina, não mais escutando ao Lá – “Dom, porém, que foi perdendo” (Rosa, 1985, p. 99) –, permitiu que ele se tornasse *prático*. Levava à plenitude o que à realidade dada, em sua cotidianidade, lhe ofertava: “Estava agora bem de vida – como o vôo da mosca que caminhou até à beira da mesa” (Rosa, 1985, p. 97). Mas, quem disse que isso não deixa de ser um caminho para o originário? Ora, já nos ensinara Riobaldo: “Quem que diz que na vida tudo se escolhe? O que castiga, cumpre também” (Rosa, 2015, p. 183).

O Lá (o Ser, a Terra) na ação de seu silêncio, recolhido em sua linguagem, ainda age na realidade dada, basta pôr-se a escutar e no esforço de se dispor: “O mundo se repete mal é porque há um imperceptível avanço” (Rosa, 1985, p. 99). O momento repentino, e mesmo brusco, em que a realidade dada se mostra em toda sua força (no forçado casamento), é o momento em que Drijimiro se desfecha e fala: “Falou, o que guardado sempre sem saber lhe ocupara o peito, rebentado [...]” (Rosa, 1985, p. 100). Deixou-se ao falar do Lá em seu agir, do Lá irrompendo nas campinas, o Lá que, em seu des-velamento, em seu recolhimento (para ser) permanente, apela a Drijimiro outra vez no acontecimento de sua verdade: *Lá, nas campinas!...*

Para Nhinhinha, a luta para retomar e recordar a campina não foi necessária, pois a criança em Guimarães Rosa é, essencialmente, *na criação*. Brejeirinha, personagem de “Partida do audaz navegante” (*Primeiras estórias*), cria uma narrativa em que a viagem é construída pelo seu falar, isto é, ela é a descoberta da (e se descobre na) própria ação da narração, “não detendo em si o jacto de contar” (Rosa, 2001, p. 168). As crianças têm o coração na palavra, na fala. Ora, criança provém do verbo latino *creare*. Que humano é mais criativo que uma criança? A criança é *tudo nascendo!* Não somente olha *tudo nascendo*, ela é (n)este nascimento. Maria Euzinha, personagem de “Tresaventura” (*Tutaméia*), quase espelho de Nhinhinha, não aceita os nomes Dja ou Iaí, ausentando-se dos nomes pelos quais a chamavam, e então, de seu imaginar, inventa seu nome, trazendo seu ser em sua fala e presença: “[...] De ser, se inventava: – ‘*Maria Euzinha...?*’” (Rosa, 1985, p. 194, *grifo do autor*).

Com seus “olhos enormes” (Rosa, 2001, p. 67), Nhinhinha olha para o ausente, o Não, o “nada diante das pessoas” (Rosa, 2001, p. 69), e o faz vendo o princípio de tudo, o oculto na noite e nas cores-luzes das estrelas:

Conversávamos, agora. Ela apreciava o casacão da noite. – “*Cheiinhas!*” – olhava as estrelas, deléveis, sobre-humanas. Chamava-as de “*estrelhinhas pia-pia*”. Repetia: – “*Tudo nascendo!*” – essa sua exclamação dileta, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso (Rosa, 2001, p. 69, *grifos do autor*).

Não à toa “cor” e “ocultar” se originam de uma mesma raiz indo-europeia: *kel-*, que significa “encobrir”. As cores-luzes, como desvelamento do oculto, encobrem o que as principiam. Daí que não nos damos conta que esquecemos de algo até que a memória exija sua lembrança – “Dizia que o ar estava com cheiro de lembrança: – ‘A gente não vê quando o vento se acaba...’” (Rosa, 2001, p. 69, *grifo do autor*). A memória, *Mnemosyne*, é a mãe do pensar como cuidado, ela gera e devolve ao viver à vida de maneira a construir, no viver, a presença para a inevitável ausência – “E tinha respostas mais longas: – ‘Eeu? Tou fazendo saudade’” (Rosa, 2001, p. 69, *grifo do autor*) –; mas a memória também se faz pelo esquecimento, que traz o Não em seu vigor, e Nhinhinha nos desperta e desfecha para ele – “Aí, observou: – ‘O passarinho desapareceu de cantar...’ De fato, o passarinho tinha estado cantando, e, no escorregar do tempo, eu pensava que não estivesse ouvindo; agora, ele se interrompera” (Rosa, 2001, p. 69, *grifo do autor*).

O que se oculta também se mostra, como escuro da cor da jabuticaba, para ser visto como reflexo de quem o olha – “Lembrou-se de: – ‘Jabuticaba de vem-me-ver...’” (Rosa, 2001, p. 69, *grifo do autor*) –, apenas se dando a ver porque, antes de tudo, nos vê em espelho, para nosso destino de viver, a morte em seu recolhimento, junto do sentido que dá à vida e é pelo viver restituído, do *télos* voltando ao principiar, à *arkhé* (fundo sem fundo do Ser), nos velando na morte – “Outra hora, falava-se de parentes já mortos, ela riu: – ‘Vou visitar eles...’” (Rosa, 2001, p. 69, *grifo do autor*).

Nhinhinha olhava para ver o surgimento. Ela não era a fonte, como pensavam os pais e Tiantônia, do acontecimento dos milagres que se deram na fala de Nhinhinha, mas sim era o *entre* que se dispõe no limiar do originário, do Lá, e do que se dá a surgir:

Veio a seca, maior, até o brejo ameaçava de se estorricar. Experimentaram pedir a Nhinhinha: que quisesse a chuva: – “*Mas, não pode, ué...*” – ela sacudiu a cabecinha. Instaram-na: que, se não, se acabava tudo, o leite, o arroz, a carne, os doces, as frutas, o melado – “*Deixa ... Deixa...*” – se sorria, repousada, chegou a fechar os olhos, ao insistirem, no súbito adormecer das andorinhas (Rosa, 2001, p. 70, *grifos do autor*).

O humano não pode exigir o surgimento do Não, disso que não-é. O Não, no Lá, se dá como vigor, doa-se no surgir de tudo quanto surge. O Lá é que tem em poder o humano. O humano quase nada pode, a não ser *ser* a dis-posição de poder-ser: “Assim, quando a Mãe adoeceu de dôres, que eram de nenhum remédio, não houve fazer com que Nhinhinha lhe falasse a cura. Sorria apenas, segredando seu – ‘*Deixa... Deixa...*’ – não a podiam despersuadir” (Rosa, 2001, p. 70, *grifo do autor*). O humano pode, também, esperar que as coisas os esperem em seu poder, e Nhinhinha sabia disso: “O que ela queria, que falava, súbito acontecia. Só que queria muito pouco, e sempre as coisas levianas e descuidosas, o que não põe nem quita” (Rosa, 2001, p. 70). Nesse *querer muito pouco*, Nhinhinha queria era olhar para ver o surgimento em seu surgir, o “extraordinário da coisa” (Rosa, 2001, p. 70) no ordinário do cotidiano: “Daí a duas manhãs, quis: queria o arco-íris. Choveu. E logo aparecia o arco-da-velha, sobressaído em verde e o vermelho – que era mais um vivo cor-de-rosa” (Rosa, 2001, p. 70). O querer que Nhinhinha queria era o querer que as questões nos impelem: o querer ser em nós, Lá no destino de liberdade, nas campinas, na Serra-do-Mim – “Nhinhinha se alegrou, fora do sério, à tarde do dia, com a refrescação. Fez o que nunca se lhe vira, pular e correr por casa e quintal” (Rosa, 2001, p. 71).

## Aberto ao fim

Lá, em sua originariedade, em sua fala silenciosa, instaura, em seu manifestar, o poder escutar e o poder falar *na* serra/campina, lugar de escuta e fala de Nhinhinha e Drijimiro. O poder da fala de Nhinhinha é, antes, um poder de deixar o surgimento surgir em seu inaugurar de falas. É isto o milagre de Nhinhinha: colher o fruto da semente, pois que, muito embora a semente se torne aparentemente ausente no fruto, dele se recolhendo, age pelo brotar de uma árvore. O de Drijimiro, ao se esquecer, é recordar e voltar a ser esse sendo dis-posto pelo agir do Lá. Retornar a questionar (*Lá, nas campinas?...*) é a procura pelo que se destina nele mesmo (*Lá, nas campinas!...*).

Lá é (o) Nada na fala. Lá é (o) silêncio na fala. Lá é (o) originário na fala. Lá é (o) Ser na fala. É necessário, pelo livre, radical e aberto diálogo nos conduzirmos para a margem do Nada através do Não, pois o Lá se dá no silêncio recolhedor: *Lá, nas campinas!...* Como? O Não demarca a necessária e irredutível referência com o Nada: o

que o Não erige como ser não é o Nada, mas dele depende. Essa referência permite o caminho para a margem do Nada, lá no “[...] nem onde nem longe” (Rosa, 1985, p. 98), por via que o Não abre na *infinição*: “[...] Todos os vivos atos se passam longe demais” (Rosa, 2001, p. 71). É preciso *xurugar...* Um ato de sentido. Junto da fala das personagens podemos alcançar o falar originário, agarrando-nos diante do que se nos apresenta, para nos deixarmos ser a-propriados: ser a viagem em seu sentido. *Ele te xurugou?...*

## REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. Martin Heidegger faz oitenta anos. In: ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Deninse Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, s/d. p. 189-197. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4419740/mod\\_resource/content/1/AREN%2C%20Hannah.%20Homens%20em%20tempos%20sombrios.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4419740/mod_resource/content/1/AREN%2C%20Hannah.%20Homens%20em%20tempos%20sombrios.pdf). Acesso em: 06 de maio de 2024.
- HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- \_\_\_\_\_ “Construir, habitar, pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 125-141.
- \_\_\_\_\_ **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2003a.
- \_\_\_\_\_ **Aportes a la filosofía**: acerca del evento. Trad. Dina Picotti. Buenos Aires: Biblos: Biblioteca Internacional Heidegger, 2003b.
- \_\_\_\_\_ **A origem da obra de arte**. Trad. Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna. O léxico de Guimarães Rosa. São Paulo: EDUSP, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. **As margens da ficção**. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021.
- ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**: Terceiras estórias. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_ **Primeiras estórias**. 15. ed. 7. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- \_\_\_\_\_ **Grande sertão: Veredas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.